

HU já atende vítima de acidente do trabalho

Antes os servidores da USP precisavam recorrer a outros hospitais da região credenciados junto ao INSS

Medo foi o primeiro sentimento que Carlos Alves, ajudante geral que trabalha na limpeza do campus, sentiu quando a peça de um trator caiu sobre sua perna esquerda. Medo pelo desconhecimento da gravidade do acidente e por não saber exatamente onde e quando seria atendido.

Este último receio, porém, já não se justifica. Professores e funcionários da USP vítimas de acidentes do trabalho estão, há pouco mais de um mês, sendo atendidos no Hospital Universitário, que foi credenciado pelo INSS.

Anteriormente, independente de ser um corte superficial ou um acidente mais grave, os casos eram encaminhados aos hospitais da rede pública na Lapa e em Osasco, também credenciados. Agora o procedimento é mais fácil, pois toda a documentação necessária para a cobertura do acidente é preenchida no próprio HU e encaminhada à agência do INSS para as providências. Somente nos casos em que a licença for superior a 15 dias é que o acidentado terá que passar por perícia em algum posto da Previdência. Também são atendidos os funcio-

nários com algum tipo de doença ocupacional.

No primeiro mês de credenciamento, segundo o superintendente do HU, professor Erasmo Magalhães Tolosa, já foram atendidas 55 pessoas, de uma população de cerca de 23 mil servidores, entre professores e funcionários - a grande maioria com contusões leves. A Divisão de Higiene, Segurança e Medicina do Trabalho ainda não tem estatística do número de acidentes que ocorre no campus. Para Jorge da Rocha Gomes, diretor da Divisão, "a partir do atendimento que está sendo feito pelo HU, teremos condições de planejar um programa preventivo, além de conhecer melhor onde e como ocorrem os acidentes e quais as providências que devem ser tomadas para que eles não aconteçam".

Outra fonte de informações são as Comunicações de Acidente de Trabalho - CAT que fornecem dados sobre o local e as condições em que ocorreram os acidentes ou sobre as doenças profissionais que atingem o servidor,

como a dermatite ocupacional e a tenosinovite (própria de digitadores). "A Universidade cabe assegurar as

Desmotivação

Algumas unidades como Odontologia, Química, Física, Medicina, Medicina Veterinária, o próprio HU e a Prefeitura, podem ser consideradas áreas de risco, segundo Rocha Gomes, devido à manipulação ou o contato com determinados produtos ou, ainda, pelas atividades que desenvolvem.

Picadas com agulhas, cortes feitos com instrumentos cirúrgicos, quedas, estes são os acidentes mais comuns no HU, segundo o professor Tolosa, que comanda um contingente de 1.800 funcionários entre médicos, enfermeiros, atendentes e pessoal administrativo. Ainda segundo ele, dos 55 acidentados atendidos no HU, cerca de 50% são do próprio hospital. "Esse índice poderia ser nulo, mas existe a desmotivação do funcionário que o leva ao descuido, além de muitos outros problemas que acontecem no atendimento dos pacientes."

Também considerada uma unidade de risco, a Prefeitura do campus registrou, de janeiro a outubro deste ano, 35 acidentes, sendo 14 de trajeto e 21 no local de trabalho. Esse número já superou as ocorrências de 1991, quando 33 trabalhadores sofreram algum tipo de acidente. Para o prefeito José Geraldo Massucato, a maioria dos acidentes ocorre porque o trabalhador não tem consciência dos riscos a que está exposto, e também porque acha que o EPI - equipamento de proteção individual - atrapalha.

Massucato assinala que além das palestras dadas aos integrantes da Cipa - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, a idéia é fazer no começo do próximo ano um fórum de debates com os cerca de 1.150 funcionários da Prefeitura, sendo ape-

Ideologia e cultura

Os acidentes de trabalho que ocorrem no campus, apesar da falta de uma estatística global, refletem a situação dos trabalhadores no País, onde nos últimos três anos o número de acidentes aumentou em cerca de 40%, por fatores sociais, como problemas familiares e econômicos, pela falta de investimento do empresariado brasileiro, seja em maquinário ou em recursos humanos, e devido à falta de sintonia entre tecnologia e trabalhador.

Para o professor Cleber Aquino, do Departamento de Administração da FEA - Faculdade de Economia e Administração da USP, "os empresários brasileiros têm precárias políticas de recursos humanos, vêem o trabalhador como mero fator de produção". Ele acrescenta que o grande número de acidentes de trabalho também decorre da "falta de respeito do empregador para com o empregado, numa relação que tem piorado muito nos últimos anos, onde o trabalhador, principalmente em época de crise, é encarado como gasto". Já o empresário japonês, compara, tem muito clara a relação custo/benefício, e que por isso consegue um alto retorno.

Outro fator preponderante, segundo Aquino, é o baixo nível cultural do trabalhador brasileiro, que mesmo recebendo treinamento não acredita que alguma coisa vá ocorrer com ele.

A psicóloga Maria do Carmo R.G. Carvalho, professora do Instituto de Psicologia da USP, considera "preocupante" a situação: "O acidente faz parte do ambiente de trabalho e os engenheiros ainda não conseguiram uma tecnologia para que as máquinas, que têm um ritmo próprio, se ajustem ao trabalhador, e não o inverso como acontece hoje".

um clima de insegurança.

"Os fatores sociais - problemas familiares, econômicos, medo do desemprego, autoritarismo no local de trabalho - criam certa irritabilidade e predisõem o trabalhador a não ficar alerta." A professora acrescenta que o trabalhador tem que se conscientizar dos riscos, e discorda dos tipos de cartazes de alerta normalmente usados. "Eles levam o trabalhador a fugir, porque ele tem medo de morte violenta. O ideal é a troca de informações com os colegas de trabalho, e que os engenheiros de produção esclareçam sobre os riscos a que estão expostos. Também faltam pesquisas sobre as máquinas, pois nessa área o trabalhador é mais desprotegido."

Mais 40% de acidentes

De 1988 a 1991, o número de acidentados cresceu no Brasil cerca de 40%, saltando de 446.858 para 640.790, sendo 587.780 vítimas de acidente típico (no local de trabalho), 6.331 de doença profissional e 46.699 de acidentes de trajeto. Do total, a região sudeste aparece com o maior índice, representando 80,87% ou 427.168 acidentes, sendo que somente no Estado de São Paulo ocorreram, no ano passado, 316.333 acidentes de trabalho, significando 74,05% desse total, com 1.256 mortes, 292.713 afastamentos temporários, 8.851 casos de invalidez permanente e 58.043 atendimentos médicos simples.

Enquanto em 1987, no Brasil, 513.353 trabalhadores sofreram algum tipo de acidente, nos Estados Unidos o número foi de 280.500 para uma população economicamente ativa de 125 milhões de pessoas. E em 1986, no Brasil, para uma população economicamente ativa de 56 milhões de trabalhadores ocorreram 555.341 acidentes.